

A DITADURA FEMENISTA

HIPOTHESE D'UM

FUTURO REGIMEN



III

A VISITA AO QUARTEL DO CARMO — O PAPEL DOS HOMENS NO NOVO REGIMEN — A IMPOSIÇÃO DAS CALÇAS E DO SAIO — UM FUNESTO INCIDENTE

LOGO que terminou o conselho, Marcia Arado aproximou-se do telefone e pediu resolutamente uma ligação para casa da sua amiga Helena da Gama e Silva.

As ministras iam debandando lentamente a sala, a caminho de suas pastas.

Vera Vitória, antes de transpor a porta do ministerio, levou a mão ao chapéu, no desejo de lhe dar rasoavel disposição, mas logo se immobilizou nesse gesto, ante um olhar fulminante de miss Mary. A ingleza não admitia que a mulher, depois de redimida, ainda se preocupasse com aquelas deliciosas futilidades que a caracterisavam sob a escravatura do homem...

Entretanto, Marcia Arado solicitava, em voz grossa, que sua amiga Helena se metesse num automovel e para ali se dirigisse imediatamente.

De facto, momentos depois e em obediencia aquele pedido, Helena da Gama e Silva entrava na ampla sala do ministerio do interior.

Era bela, a cabeça soberbamente coroada por uma frondosa cabeleira negra, — os labios vermelhos e humidos dir-se-iam creados para o ritual do beijo. Seus olhos de esmeralda, sob a arcada das palpebras, tinham uma inquietude extranha e suas mãos delicadas, que ela desembainhava agora das luvas, possuíam qualquer coisa de imaterial, de etereo...

Caminhou para Marcia Arado disposta a beijá-la, conforme o velho habito, — mas esta repeliu-a brandamente, ao mesmo tempo que a prevenia:

— O governo provisorio, querida camarada, acaba de abolir o beijo entre senhoras. Venha de lá esse aperto de mão!

E sem reparar na surpresa de Helena, a vibrante ministra do interior e da guerra, prosseguiu:

— Chamei-a para lhe dar o lugar de minha secretaria.

Preciso ir imediatamente pôr na ordem os quartéis e, como compreende, uma pessoa da minha categoria não pode ir assim sem mais nem menos... É preciso um certo aparato — irá a senhora comigo.

— Mas eu não sei... — balbuciou Helena.

Marcia Arado não a deixou escapar.

— Não se discute mais. Nomeio-a desde já minha secretaria. Eu podia convidar a Alicesita, mas aquilo é rapariga que não dá nada. Anda sempre com dôr de dentes e estou mesmo certa, aqui para nós, que o dentista é para ela um

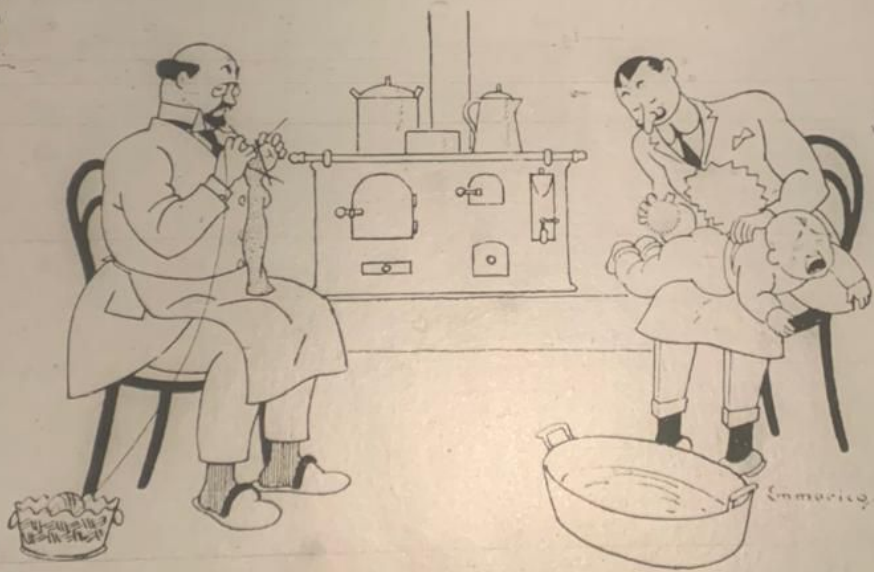
pretexto de falar lá com o melro do Pinheiro. Também pensei na Carlota, mas a amiga sabe como ela é uma delambadasita, sem a energia bastante sem a heroicidade, que estes altos cargos requerem. Não; está decidido, fica a minha amiga. Bem sei que pertence a uma familia que se confessa e que detesta o livre-pensamento, mas estou convencida que se a minha amiga ainda, não é uma mulher

moderna completa, hade vir a se-lo. Ora vamos lá! Atire para af essa bolsa, que o governo provisorio proibiu o seu uso às senhoras e venha comigo...

Embora sem compreender nada daquilo, Helena da Gama e Silva, em homenagem a certas afirmações de liberdade feminina que ha tempos fizera uma revista de modas, deixou que Marcia Arado lhe enfiasse o braço e a levasse para a Arcada.

Ali aguardava-as no automovel do ministerio, o chauffeur que, por estar acostumado a servir num só mês dois e três ministros oriundos dos mais opostos partidos, não extranhava que o novo titular do interior fosse uma mulher.

Mas Marcia Arado não tinha o mesmo criterio sobre o assunto.



— O senhor aqui? — perguntou com alicia.

— Para a servir, minha senhora — respondeu, humilde e submisso, o *chauffeur*.

Marcia Arado levantou seu braço curto e roliço e indicando um ponto distante, misterioso, que nem ela própria sabia qual era, ordenou resolutamente:

— Vá-se apresentar imediatamente à prisão! Que mando eu, ouviu?!

O *chauffeur* sorriu, sorriu, colocou o bonet na cabeça e desapareceu silenciosamente.

— Ir num automóvel dirigido por um *chauffeur*? Já se viu uma coisa destas!... O governo provisório proibiu-o terminantemente.

Helena atreveu-se então a obstar:

— Mas assim não temos quem nos conduza.

A ministra pensou um instante e concluiu em voz baixa:

— É verdade, tem razão! Eu não sei bem se o governo provisório o proibiu... mas proibiu-o eu, — é o mesmo! Iremos a pé.

E foram. A rua do Ouro estava quasi deserta. Nem um unico vulto gentil e gracioso de homem se avistava. Apenas às esquinas as sentinelas femeninas, com as espingardas encostadas às paredes, vigiavam pela segurança publica, enquanto iam furtivamente podarrozando a cara.

Marcia Arado, em passo sigiloso, ia-as surpreendendo e ordenando com severidade:

— Dê-me fora essa porcaria, ó camarada. O governo provisório proibiu a boria e o pó de arroz...

Para a sensibilidade de Helena uma mulher empunhando uma espingarda era qualquer de tão exótico e ridículo, que chegava a contrange-la. Mas a ministra em breve a poz ao corrente das decisões do governo provisório: — as mulheres usariam calças e saios. Helena, surpreendida, perguntou:

— Calças e saias? Ah! calcinhas, calcinhas! Mas então ficamos na mesma...

Domando os seus nervos, Marcia Arado voltou a explicar:

— São calças e saios, minha amiga; calças e saios...

Aproximavam-se agora do Quartel do Carmo, onde outrora, nos tempos ominosos do Homem, estivera a G. N. R. e em tempos mais distantes, para lá da prehistoria femenina, existia um sonhador e heroe que se chamara Nun'Alvares.

Para se libertar duma preocupação que lhê martelava a cabeça desde que entrara no ministerio do interior, Helena arriscou-se a perguntar:

— E os homens? O que irão fazer os homens?

Marcia Arado respondeu afoitamente:

— Aquilo que faziam as mulheres...

Ante esta resposta, quem observasse atentamente Helena, veria que suas faces se erubesciam.

Mas logo a ministra acrescentava:

— Irão cosirchar, tratar dos filhos, dos arranjos da casa...

Deixe lá que não lhes ha-de faltar que fazer.

Helena tranquilizou-se.

Entraram, por fim, no quartel.

Pelas corredoiros, às portas das casamatas, bandos de delicadas mulheres discutiam acaloradamente sobre o exito da revolução. Faziam um barulho esourdissimo, tão grande que o velho convento parecia agita e Pacatamente, no tempo odiado e já distante em que nesta casa de perdição imperavam os homens.

Algumas das mais carinhosas haviam trazido em libras e penteavam nos açores, junto às espingardas, revólvers e espadas, que jaziam n' chão.

No fundo do pátio, uma rapariga a quem despedaçaram o espelho, estava enfileirada a contemplar se naquele largo tanque que antigamente constituia o terror de todo o soldado que odiava o banho.

Num dos degraus da escada de serviço, uma outra rapariga adormecera sobre um velho livro, por ela descoberto durante umas escavações archeologicas, — livro que fora escrito por um autor já injustamente esquecido e que se chamara Julio d'Anlas.

Esta desordem em lugar tão severo, como é um quartel, irritou a ministra, que logo ordenou em altos gritos:

— Ordem, ordem minhas senhoras!

Dum dos grupos destacou-se uma mulher alta e glabra, que assim rispostou: — Ó camarada! agora todas somos iguaes.

Marcia Arado não se conteve:

— Iguaes! Você sabe com quem está falando? Olhe que eu sou a ministra da guerra e do interior. O governo provisório proibiu que assim se fale a um dos seus membros...

Mas já uma outra mulher

viera ao seu encontro, galhofeira, barulhenta:

— Olha, olha! É a Marcia Arado! Então como vais tú?

A illustre ministra, afoqueada, os punhos crispados, retrocedeu, voltou ao portão do quartel e dirigindo-se à sentinela, ordenou:

— Mande tocar a reunir. Faça-o de maneira que se entenda que está cá a ministra da guerra. Dê uns sons especiaes...

Porque a sentinela era uma ingenua rapariga provinciana, a illustre titular do interior e da guerra foi obedecida e ponde, enfim, entrar com as honras de seu alto cargo no quartel do Carmo.

E Marcia Arado instalou-se no gabinete do Estado Maior, que pelo seu conforto a atraia instinctivamente.

A ministra, conforme as indicações recebidas de miss Mary, ia estabelecer ali, em nome do governo provisório, o uso do saio e das calças e, ao mesmo tempo, dividir em esquadões aquelas centenas de femenistas que haviam pegado em armas, assellado os quartéis e implantado o novo régimen.

Mal, porem, se tinha instalado, o telefone do Estado Maior retiniu com certa nervosidade.

Marcia Arado agarrou o auscultador — e escutou.

De longe, uma femenista anonima, comunicava-lhe olegantemente que algumas senhoras da alta sociedade, «quasi todas elas talassas», se preparavam para opor à revolução uma forte reacção.

(Continúa).



O Quartel do Carmo, ponto de estratègia femenista...